

REVISTA DE AGRICULTURA

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE ENSINAMENTO
TEÓRICO E PRÁTICO



DIRETORES:

Prof. N. Athanassof
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
† Prof. Carlos I. Mendes
Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Vol. 26

Julho - Agosto

N. 7-8

Transporte de Mudanças de Abacateiro

ALBERTO DA SILVA RÊGO

Agrônomo do S. N. P. A

Deve merecer especial cuidado a questão do transporte de mudas de abacateiro, pois o que é utilizado, atualmente, é bastante oneroso, para o viveirista, que produz a muda, e o particular que terá de arcar com as despesas de fretes, e outras.

Como é do conhecimento geral, a muda do abacateiro, enxertada, fica plantada em jacá apropriado, contendo terra bastante curtida, medindo 25 cm. de diâmetro por 35 cm de altura, em média.

Se o enxerto é de "ponta de galho", como vulgarmente se denomina, o viveirista tem necessidade de proceder a uma proteção hortícola constante, desde a data do plantio da semente, até a entrega da muda ao particular, que vai proceder à formação de um pomar.

Esse cuidado constante consta de rega diária, nos climas de pouca pluviosidade anual, mesmo nas épocas chuvosas, e, mais ainda, em período de nenhuma queda pluviosa; tratamentos culturais, como sejam, limpas manuais para impedir a concor-

rência de ervas daninhas; a formação de ripados naturais ou construção de ripados cobertos com sapé, na zona nordestina, ou com telha, em outras localidades, para que sejam colocados os enxertos durante certo período, pois a planta requer luz e calor bastante, pela manhã, mas, deve ser resguardada da insolação do meio dia.

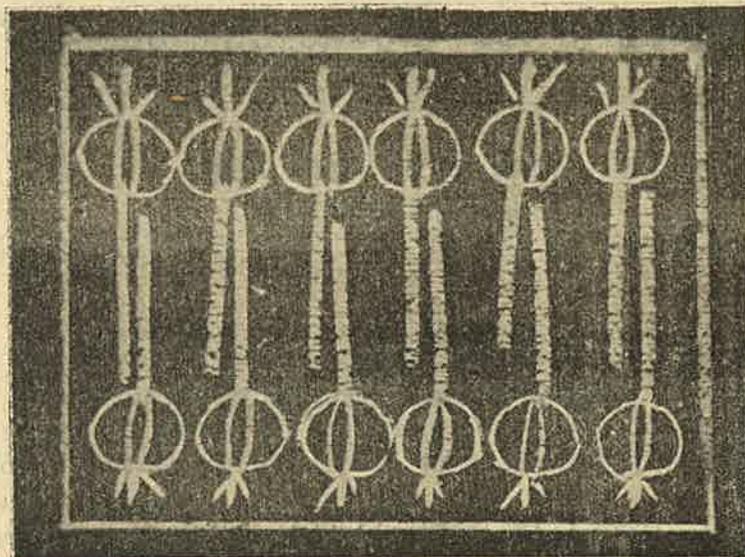


Fig. 1 — Arrumação dos enxertos no caixote em plano horizontal. Camada com 12 mudas

Verifica-se, pois, que no período de 15 dias, após ter sido feito o enxerto, a muda deverá ficar debaixo de um ripado. Em seguida a esse período, no qual recebe calor, sem nenhuma luz direta, entrará na fase em que pode receber luz solar durante uma parte do dia. Comumente, as mudas recém-enxertadas são colocadas no centro do ripado. Passados alguns dias, são transportadas para as partes laterais, onde receberão a luz direta pela manhã ou à tarde. Aí permanecem alguns dias,

quando, então, são levadas para uma meia sombra, menos densa, debaixo de árvores de grande porte, como sejam, o cajá manga, nogueira de iguape, e outras árvores que tenham sombra benéfica.

Essa questão de luz está relacionada com a atividade funcional da planta. Enquanto não possui folha, a quantidade pode ser somente de luz difusa oferecida debaixo de um ripado. Porém, desde que surge o primeiro "surto vegetativo", ela já necessita de maior quantidade para as trocas clorofilianas; aumentando suas necessidades a medida que novas brotações foliares vão surgindo.

Portanto, é um trabalho a mais a se acrescentar à formação das mudas de abacateiro.

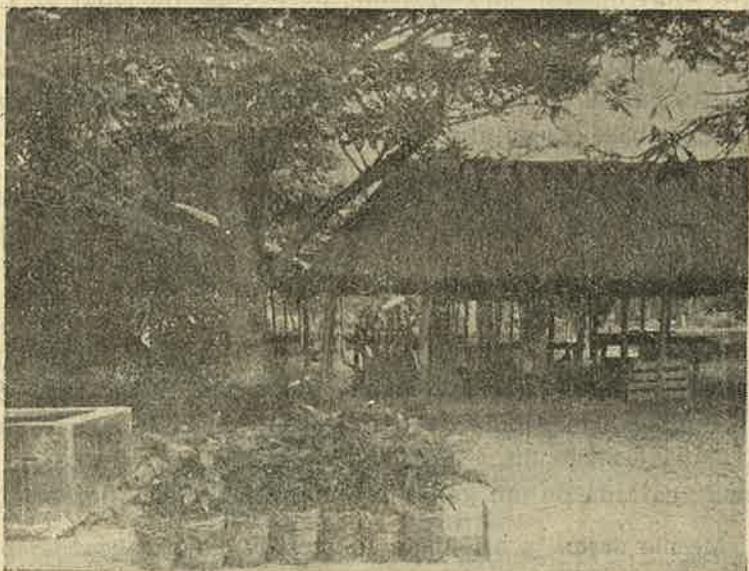


Fig. 2 — Conjunto de 49 enxertos de abacateiro: em fileiras de sete cada uma. À direita um caixote com as dimensões necessárias para conter também 49 mudas recém-enxertadas. Note-se a enorme economia de espaço entre um e o outro processo de embalagem.

O "jacá" é geralmente feito de "embira", tirada na mata, ou então, de folhas de bananeira, ou ainda, qualquer outro material, que se preste à confecção desse tipo de embalagem, e possua determinada resistência. Mesmo assim, verifica-se que sua vida não é muito longa. Em média, temos que utilizar duas embalagens para cada muda, isto é, sendo a primeira quando no ato de plantio da muda recém-enxertada, e a segunda, ao se prepara-la para ser transportada. O "jacá", nessa época, já se encontra 90% deteriorado, não suportando mais os atritos e choques de uma viagem mesmo para local próximo. Teremos, pois, que proceder à troca por outro em condições.

Dai, resulta termos que acrescer, ao valor da muda, a importância do custo de mais um jacá.

Para solucionar parte desse problema, começamos na Estação Experimental de Itapirema, do Serviço Nacional de Pesquisas Agrônomicas, do Ministério da Agricultura, em Goiana, Pernambuco, orientado pelo agrônomo Octavio Gomes de Moraes Vasconcellos, uma série de observações e experimentos, tendo por base o seguinte :

A planta, que deverá servir de porta-enxerto, encontra-se no viveiro em pleno estado de atividade vegetativa e, igualmente, a "ponta de rama" que representa um "surto vegetativo" em plena atividade.

Pelo arrancamento do "cavalo" do viveiro e incisão total, em determinada altura do caule, ainda em estado herbáceo, fica a muda em estado de paralização momentânea de suas atividades funcionais. Igualmente, sucede com a "ponta de rama", cortada de um galho vegetativo em plena florescência.

Mesmo assim, a atividade funcional não paraliza de todo, devido, principalmente, às reservas existentes no caroço ou seja a "semente", pois, como sabemos, ao se retirar o "cavalo" do viveiro, êle ainda se encontra com a semente anexada à parte caulinar e radicular.

Fig. 3 — Enxertia dos abacateiros — Enquanto alunos enxertadores procedem à operação de enxertia, um operário pinçela com parafina em estado líquido, a parte do caule que sofreu a operação. (Foto, na Estação Experimental Itapirema)



Comprova-se essa assertiva pela soldadura que, posteriormente, se verifica entre cavalo e cavaleiro, e a emissão de raízes novas antes do surto vegetativo caulinar ou sejam órgãos foliares.

Fica, portanto, aparentemente, em estado de vida latente, a jovem planta, durante um período de 15 a 18 dias.

A operação de enxertia, com "ponta de rama", é a que se denomina de "enxertia de mesa". Consiste em se levar a uma mesa, em lugar abrigado, as plantinhas que já tenham certo desenvolvimento, alcançando o cáule de 12-15 cm. de altura. Procedê-se a uma incisão total no cáule, à altura de uma a uma e meia polegada e, em seguida, faz-se uma incisão na parte central, no sentido vertical, de maneira que permita que seja colocada a ponta de rama, cuja parte extrema foi cortada em bisel, e que possui, além da gema apical, uma ou duas gemas laterais. Ajustadas as partes, cavalo e cavaleiro, procede-se ao amarrilho, utilizando-se rafia ou outro material apropriado, semelhante à rafia. Aplica-se, em seguida, parafina em estado líquido. A parafina derrete-se ou funde facilmente e, no estado de secura do nordeste brasileiro, ela vem se comportando muito bem, não afetando os tecidos novos na enxertia.

Terminada essa operação, fica pronto o enxerto para ser plantado em jacás ou em canteiros apropriados.

O plantio em jacás traz melhores resultados. O em viveiro não tem se comportado muito bem.

Nesse estado, termina a aplicação da parafina, e, após alguns minutos, em vez de levar a muda recém-enxertada para o jacá apropriado, ela será acomodada em pequenos caixotes contendo pó de serra úmido e curtido. Os caixotes com 0,42 x 0,42 x 0,32 m., respectivamente de comprimento, altura e largura. Em média, temos, setenta e duas mudas, em cada caixote, do tamanho mencionado. Devem ser embaladas em ca-

madas de dôze, sendo sete o número de camadas, e dispostas em duas linhas de seis cada uma, conforme foto anexo. Procedida a embalagem, com cuidado, fecha-se com a respectiva tampa.

Aí podem permanecer de 12-15 dias.

Terminados os prazos respectivos, foram abertos os caixotes, retiradas as mudas e colocadas em jacás.

Verificamos, em algumas plantas, a presença de inúmeras radículas. Tôdas estavam em bom estado vegetativo. Encontravam-se como se tivessem sido enxertadas naquele dia; começamos a observar os fenômenos de atividade funcional, com o aparecimento dos surtos vegetativos foliares com dez dias após a retirada do caixote aonde se achavam.

O resultado do pegamento foi bastante significativo, dando, para todos os caixotes, 87%.

Foram enviadas mudas para particulares, procedendo da forma acima, e os resultados práticos confirmaram os experimentalmente obtidos.

O que se requer para pleno êxito é que, o fazendeiro tenha conhecimento dos cuidados a dispensar à muda, que lhe é enviada, por êsse processo. Procedendo corretamente, a pega dos enxêrtos está garantida.

Desde que o agricultor ainda não esteja habilitado a lidar com mudas recém-enxertadas, pode-se orientá-lo com instruções muito simples. Já para o envio de mudas destinadas a Estações Experimentais, ou outras dependências do Governo, torna-se bastante fácil e cômodo, além de diminuir o custo de transporte. Mesmo por via aérea torna-se fácil mandar coleções de variedades de abacateiro, para qualquer parte do Brasil, e, em período que não deverá ultrapassar dez dias.

Quando a remessa em jacás, acondicionados em engradados apropriados, por via marítima ou terrestre, com todos os cuidados que se deve ter na ocasião de embarque, trânsito e desembarque, redunde em despesas de cerca de Cr\$ 15,00 por muda, tomando por base o transporte de duzentos enxertos, teremos que a remessa via aérea ou mesmo marítima, de igual quantidade de mudas, pelo processo de "embalagem em caixotes", logo após realizado o enxerto, no primeiro caso, orçará em Cr\$ 6,50 e, no segundo caso, calcula-se em Cr\$ 1,50. Isso considerando uma distância de Pernambuco ao Rio de Janeiro.

O processo não se torna aconselhável, logicamente, para pequenas distâncias.

Aos viveiristas compete, agora julgar das vantagens oriundas do processo em questão.

A' VENDA NA LIVRARIA BRASIL

Prof. Dr. Jaime Rocha de Almeida	
Alcool e Distilaria	Cr\$ 250,00
Prof. Dr. Jaime Rocha de Almeida	
Elaiotecnia	Cr\$ 200,00
Prof. Dr. Jaime Rocha de Almeida	
A Embebição nas Usinas de Açúcar	Cr\$ 35,00
Prof. Dr. Jaime Rocha de Almeida e Dr. Antonio Corrêa Meyer	
Fases Econômicas da Indústria Açucareira	Cr\$ 15,00
Prof. Dr. Alcides Di Paravicini Torres	
Raças que interessam ao Brasil	Cr\$ 30,00
Prof. Dr. Zilkar C. Maranhão	
A classe Insecta ou Hexapoda	Cr\$ 6,00
Prof. Dr. Walter R. Jardim	
Pequeno Manual do Criador de Caprinos . .	Cr\$ 15,00
Prof. Dr. Luiz S. Pedreira	
Química Orgânica	Cr\$ 200,00
Pedidos - LIVRARIA BRASIL - C. Postal, 83 - Piracicaba	
Pagamento mediante cheque ou vale postal	